

O Bosque dos Quincôncios

um filme de Grégoire Leprince-Ringuet

com Grégoire Leprince-Ringuet, Pauline Caupenne, Amandine Truffy, Thierry Hancisse

La Forêt de Quinconces | 2016 | França | 1h49 | M/12

Festival de Cannes – Seleção Oficial



*Com que palavras ou que lábios
é possível estar assim tão perto do fogo,*
Manuel António Pina

ONDINE
(Eve ? ou
Bruno ?) CAMILLE
ou ...

Que dia admirável! O parque imenso desmaia sob o olhar ardente do sol, como a juventude sob a dominação do Amor.¹

Uma rapariga. Um rapaz. “Não me dás um beijo? Porquê?” Correm. Um atrás do outro. Rápido. Cada vez mais rápido. “Paul, pára! Mais devagar!” Corte para as árvores. O ruído de alguém que cai.

Plano seguinte: Ondine no chão, joelhos e cotovelo feridos. O que aconteceu? Como caiu Ondine?

O *Bosque dos Quincôncios*, primeira longa-metragem do autoractor Grégoire Leprince-Ringuet (que conhecemos dos trabalhos com Téchiné, Honoré ou Guédiguian, entre outros) é um filme que nos surpreende, do princípio ao fim.

Escrito na sua maior parte em verso, o ritmo (da métrica, das rimas), as palavras tornadas música, enlevam-nos de forma encantatória e convidam-nos, espectadores, a dar asas à imaginação, num jogo entre o som, o sentido e a cor, que anda mais perto da verdade (*quanto mais poético, mais verdadeiro*²).

Ondine e Paul amam-se. Mas quando ela o abandona, Paul jura que não voltará a amar. Para o provar a si mesmo, persegue a bela Camille, que conta seduzir e depois afastar-se. Mas Camille enfeitiça Paul, que o deseja só para ela. E à medida que sucumbe ao encanto de Camille, Paul confronta-se com a recordação do seu antigo amor.

Neste *bosque (des)harmonioso*, Paul (que o próprio Leprince-Ringuet interpreta), nome que homenageia o herói Paul Dédalus, de *Comment je me suis disputé (ma vie sexuelle)*, de Desplechin, vê-se obrigado a fazer escolhas perante a desordem que a ruptura lhe traz. Serão as melhores? Bem, o que sabemos é que é preciso tentar, correr riscos (e este filme também o faz, de uma forma que há muito não víamos), e se falharmos, e cairmos, como por várias vezes acontece com Paul, levantarmo-nos, nem que seja para cair de novo (*o poema ensina a cair*³), e de novo nos reerguermos.

Este filme, com ecos de Demy e Honoré, reapropria-se de Paris, dos telhados e das ruas, dos teatros e dos *ateliers*, com uma energia contagiante, febril e sensual. *Deixe-se levar. Como ao dançar.*

A.M.C., *Medeia Magazine* [Jan, Fev 2017]

¹ Charles Baudelaire

² Novalis

³ Luíza Neto Jorge



**O início do jovem actor enquanto cineasta.
Um estranho triângulo amoroso em verso alexandrino.**

Actor de destaque em filmes de Téchiné, Honoré ou Guédiguian, Grégoire Leprince-Ringuet assina aqui uma primeira obra singular, inspirada pelos seus poemas de juventude, que mistura géneros e épocas. Um jovem oscila entre duas mulheres na Paris nocturna dos bairros populares, algo banalmente contemporâneo. Menos banal será o facto de o rapaz imaginar uma intriga amorosa a três tiras (na qual se prenderá) para testar os seus sentimentos e que o diálogo seja maioritariamente em verso alexandrino. Assim, *O Bosque dos Quincôncios* deve tanto ao jovem cinema francês (Christophe Honoré, por exemplo), como ao romance do século XIX ou ao romance de corte da Idade Média, sem esquecer alguns desvios para o fantástico. [...] a musicalidade do verbo intensifica a força do sentimento amoroso e das suas ofensas. Através da banda sonora e de uma bonita cena com o seu vocalista, os Feu! Chatterton participam neste filme, que brilha com um belo fulgor romântico.

Serge Kaganski, *Les Inrockuptibles* [Junho, 2016]

«O Bosque dos Quincôncios»: incêndio poético em Belleville

A primeira longa-metragem realizada pelo actor Grégoire Leprince-Ringuet (*A Bela Junie*, *A Princesa de Montpensier*) não passa despercebida. Filmada em Paris, perto de Belleville, com um orçamento modesto, este quadro de um triângulo amoroso banal assume uma concepção tão radical do texto que se torna numa excentricidade. Grégoire Leprince-Ringuet permite-se fazer desvios para a comédia musical e aplica à poesia os princípios desse género: sem descontinuidade aparente das suas vidas quotidianas, as personagens de *O Bosque dos Quincôncios* veem-se repentinamente inflamadas por uma febre verbal à altura dos seus sentimentos e conversam loucamente, em verso.

Noémie Luciani, *Le Monde* [Maio, 2016]



Com
Grégoire Leprince-Ringuet
Pauline Caupenne
Amandine Truffly
Thierry Hancisse

Realização Grégoire Leprince-Ringuet
Assistente de Realização Thomas Bobrowski
Som Elton Rabineau, Maxime Berland, Rémi Galibert, Guillaume Gallois
Guarda Roupa Juliette Chanaud, Géraldine Gauthier
Maquilhagem Isabelle Vernus
Cenários Clémence Petiniaud
Direcção de Produção Thierry Cretagne
Chefe de Produção Pierre Alfred Eberhard
Montagem Nathalie Sanchez, Grégoire Leprince-Ringuet
Montagem de Som Sébastien Noiré
Misturas Samuel Aichoun
Música Clément Doumic
Pós-Produção Raoul Peruzzi
Produtor Paulo Branco
Produção Alfama Films
uma co-produção Arte France Cinéma
com a participação Centre National du Cinéma
et de l'Image Animée e Arte France
Distribuição Leopardo Filmes